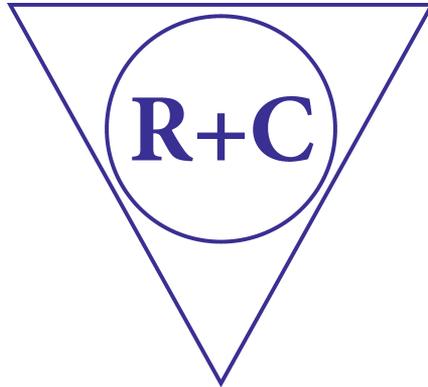




GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO
DE LÍNGUA PORTUGUESA

MANIFESTO



**Appellatio
Fraternitatis Rosae Crucis**

Primeira edição:
setembro de 2015

Todos os direitos reservados

MANIFESTO

Caro leitor,

Em 1614, há portanto quatrocentos anos, uma misteriosa Fraternidade se deu a conhecer quase simultaneamente na Alemanha, na França e na Inglaterra através da publicação de um Manifesto intitulado “*Fama Fraternitatis Rosae Crucis*”. Na época, esse texto suscitou muitas reações, sobretudo entre os pensadores, os filósofos e os responsáveis pelas religiões em vigor, particularmente aqueles da igreja católica. De modo geral, aquele Manifesto convocava uma Reforma universal, tanto no âmbito religioso quanto no político, no filosófico, no científico, no econômico etc. Segundo os próprios historiadores, a situação então era muito caótica em vários países da Europa, a ponto de se falar abertamente de “*crise europeia*”.

Lembremos que o “*Fama Fraternitatis*” foi seguido de dois outros Manifestos: o “*Confessio Fraternitatis*” e as “*Bodas Alquímicas de Christian Rosenkreutz*”, publicados respectivamente em 1615 e 1616. Os autores desses três Manifestos invocavam a Fraternidade dos Rosacruzes e pertenciam a um círculo de místicos conhecido pelo nome de “*Círculo de Tübingen*”. Todos eram apaixonados por hermetismo, alquimia e cabala. Alguns anos mais tarde, em 1623, essa Fraternidade se deu a conhecer ainda mais pela publicação, nas ruas de Paris, de um cartaz enigmático: “*Nós, Deputados do Colégio principal da Rosacruz, demoramo-nos visível e invisivelmente nesta cidade pela graça do Altíssimo...*”.

O objetivo deste “*Appellatio*” não é expor a história dos rosacruzes e nem tampouco os seus ensinamentos. Através dele, nós desejamos antes celebrar o quadringentésimo aniversário da publicação do “*Fama Fraternitatis*”, Manifesto fundador da Ordem Rosacruz no plano histórico.



Se especificamos “*histórico*” é porque no plano tradicional essa Ordem tem suas origens nas Escolas de Mistérios do antigo Egito, durante a XVIII Dinastia. Michael Maier, célebre rosacruz do século XVII, declarou, além disso, em uma de suas obras: “*Nossas origens são egípcias, bramânicas, oriundas dos mistérios de Elêusis e da Samotrácia, dos Magos da Pérsia, dos Pitagóricos e dos Árabes*”.

Fiéis à nossa Tradição, publicamos em 2001 um Manifesto intitulado “*Positio Fraternitatis Rosae Crucis*,” no qual comunicamos nossa posição quanto ao estado da humanidade, sobretudo através dos âmbitos maiores de sua atividade: a economia, a política, a tecnologia, a ciência, a religião, a moral, a arte etc., sem esquecer sua situação no plano ecológico. Esse Manifesto, que alguns historiadores situam na linha dos três precedentes, foi lido ao redor do mundo por milhões de pessoas e foi tido por muitas delas como um suporte para reflexão e meditação. Em certos países, sua leitura foi aconselhada aos estudantes; em outros, foi posto à disposição do público nas bibliotecas municipais e nacionais; para não falar de todos aqueles e aquelas que o reproduziram pela internet.

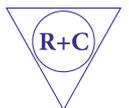
Quatro séculos após o “*Fama*” e treze anos após o “*Positio*”, pareceu-nos necessário ecoar novamente as nossas preocupações quanto à humanidade. De fato, o tempo passa, mas o futuro que se esboça de década em década e ano após ano é muito preocupante. A “*crise*”, como a chamamos comumente, parece ter-se instalado permanentemente em muitos países. Todavia, não somos pessimistas quanto ao futuro, e menos ainda apocalípticos. Nas “*Profecias dos Rosacruzes*”, publicadas em dezembro de 2011, pode-se além disso ler a esse respeito: “*Somos otimistas quanto ao futuro... Para além das aparências, o período conturbado que atravessamos constitui uma ‘passagem obrigatória’ que deveria permitir que a humanidade se transcendesse e renascesse para si mesma*”.

Assim como o “*Positio*”, o “*Appellatio*” não se dirige a uma elite, qualquer que seja, mas a todos aqueles e aquelas que tomarem conhecimento de sua



publicação e dedicarem tempo para lê-lo. Alguns o julgarão talvez um pouco alarmista, outros sobretudo utopista. Certamente, ele não é dogmático e nem ideológico. Através dele, queremos simplesmente exprimir ideias que não são novas e nem tampouco originais em si mesmas, sobretudo para os rosacruzistas, mas que, para nós, merecem mais do que nunca uma reflexão. Com efeito, desejamos lançar um apelo à espiritualidade, ao humanismo e à ecologia, condições necessárias, segundo o nosso parecer, para que a humanidade se regenere em todos os planos e encontre a felicidade a que aspira.

O Supremo Conselho da AMORC



CHAMADO À ESPIRITUALIDADE

Em nosso entender, a crise que grassa em muitos países, para não dizer em todos, não é unicamente social, econômica e financeira. Estas são as consequências de uma crise de civilização, no sentido global do termo. Em outras palavras, é a humanidade como tal que está em crise. Mas em crise de quê? Ainda que tenhamos respondido em parte a essa questão no “*Positio*”, parece-nos necessário voltar a esse ponto e especificar o nosso pensamento. Aos olhos de nossa filosofia e de nossos ideais, consideramos que se trata de um dever que implica tanto os rosacruzados quanto os cidadãos do mundo que somos. Nesse particular, e ao contrário daquilo que podem dizer a respeito de nós, a importância que atribuímos à espiritualidade jamais ocultou o interesse que manifestamos pela materialidade, sobretudo porque o objetivo último de nossa busca é desde sempre a conquista do domínio da vida.

Em primeiro lugar, pensamos que a humanidade está em “crise de espiritualidade”. Em nosso entender, esta situação tem duas causas principais: as grandes religiões estabelecidas há vários séculos não respondem mais às questões existenciais formuladas pelos homens e mulheres de nossa época. Suas doutrinas, assim como sua moral, não estão mais adaptadas, o que explica o porquê de serem cada vez mais abandonadas, criando com isso um grande vazio espiritual que muitas pessoas não tentam nem mesmo preencher. Paralelamente, nos países ditos desenvolvidos a sociedade se tornou cada vez mais materialista, no sentido de que incita as pessoas a procurar o bem-estar através das possessões materiais e do consumo desenfreado. Essa tendência aumentou consideravelmente o poder do dinheiro e perverteu o seu uso. De meio, ele passou a ser um fim em si, uma coisa a qual se gosta de possuir como tal, ao passo que, por si mesmo, ele não é nada.



Isso quer dizer que as religiões atuais não têm futuro? Antes de responder a essa questão, devemos lembrar que nós as respeitamos todas naquilo que elas têm de mais nobre a oferecer aos seus fiéis para que vivam sua fé no cotidiano. Contudo, como havíamos dito anteriormente, as consciências e as mentalidades evoluíram muito desde a aparição delas, de modo que seus credos parecem superados aos olhos de muitíssimas pessoas, sobretudo dos jovens. Não tendo sabido, podido ou querido atualizar seus ensinamentos, acreditamos que elas correm o sério risco de desaparecer a médio prazo. Neste caso, delas não restará nada além dos monumentos que elas originaram no decurso dos séculos, assim como os textos a elas relativos, dentre os quais aqueles que são considerados como sagrados, tais como a Bíblia, o Corão, os Upanishads, o Tripitaka etc.

Para voltarmos à questão do dinheiro, não se trata de cairmos no caricato ou na demagogia. Enquanto moeda de troca, ele é uma necessidade para se viver em sociedade. Todos necessitamos dele para que obtenhamos aquilo que é necessário ao nosso bem-estar material e para satisfazer os prazeres legítimos que a existência pode oferecer. Porém, com o tempo ele adquiriu importância excessiva, a ponto de condicionar e reger praticamente todos os setores da atividade humana. Em nossos dias, ele é objeto de um verdadeiro culto que faz as vezes de religião, sendo provavelmente aquela que tem o maior número de adeptos ao redor do mundo. Infelizmente, sacrificam-se diariamente, nos altares do dinheiro, os valores éticos mais elementares (a honestidade, a integridade, a equidade, a solidariedade etc.), de modo que ele constitui mais do que nunca um vetor de degradação.

Pelo que acabamos de dizer, não deduza que os rosacruzistas são partidários do “*voto de pobreza*” e que eles acham que a riqueza material é incompatível com a espiritualidade. Desde que o ser humano apareceu sobre a Terra, ele sempre buscou melhorar suas condições de vida e ser feliz. Essa tendência faz parte de sua natureza profunda e se inscreve nesse processo a que chamamos “*evolução*”. Isso não quer dizer que o objetivo da



existência seja se tornar rico, mas não é natural, nem tampouco normal, aspirar a ser pobre. Além disso, o fato de estar desprovido material ou financeiramente não faz do indivíduo alguém melhor no plano humano e não é um critério de elevação espiritual, assim como também não o é o fato de ser rico.

Em nosso entender, a felicidade a que os seres humanos aspiram mais ou menos conscientemente reside num equilíbrio entre o material e o espiritual, e não na exclusão de um em relação ao outro. Eis a razão pela qual todo indivíduo que se consagra unicamente à espiritualidade, a ponto de se privar dos prazeres legítimos da vida, não pode ser feliz. O mesmo pode-se dizer daquele que faz das possessões materiais o único fundamento de seu bem-estar. É isso que explica o porquê de muitas pessoas consideradas abastadas serem infelizes no mais profundo de si mesmas. Se isso ocorre é porque elas sofrem de um vazio interior que nem mesmo “todo o ouro do mundo” poderia preencher. Nesse particular, todos conhecem o adágio que diz que “*o dinheiro não traz felicidade*”, ainda que contribua efetivamente para ela.

Se admitirmos que o ser humano não se limita a um corpo material mantido em vida por um conjunto de processos físico-químicos, mas que possui também uma alma, compreenderemos facilmente que ela também necessita de certa forma de nutrição: a espiritualidade. Mas o que é a espiritualidade? Conforme o que dissemos antes, a espiritualidade transcende a religiosidade. Em outras palavras, ela não se limita a crer em Deus e a seguir um credo religioso, por mais respeitável que ele seja. Ela consiste antes em buscar o sentido profundo da existência e a despertar gradualmente aquilo que há de melhor em nós mesmos. Ora, essa busca de sentido e de aperfeiçoamento está cruelmente ausente dos nossos dias, de onde o estado caótico do mundo e o marasmo em que ele está mergulhado há várias décadas.



A maioria das pessoas, de todos os países e nações, tem o sentimento de se encontrar num túnel escuro cujo final ninguém distingue, nem mesmo aqueles e aquelas que dirigem e governam essas nações. Além disso, elas não têm consciência de que a luz que esperam ver despontar só pode vir delas mesmas, e não de uma causa que lhes seja exterior. Isso nos reconduz à espiritualidade e à necessidade de buscar em outra parte, que não a materialidade, as soluções para os problemas que se apresentam à humanidade. Mas talvez você faça parte do grupo dos que não admitem a existência da alma, o que é naturalmente seu direito. Nesse caso, e se você nos permitir, deixe-nos propor-lhe as seguintes perguntas e dê a si mesmo um tempo para respondê-las por si:

- A que você atribui aquilo a que se chama comumente de “voz da consciência”?
- Como você explica a aptidão do ser humano em demonstrar, entre outras virtudes, a benevolência, a generosidade, a compaixão e o amor?
- Você realmente acha que as mais belas obras de arte, sejam na pintura, na escultura, na música ou qualquer outra, se originam unicamente na mente daqueles e daquelas que as criam?
- Como você explica que milhões de homens e mulheres ao redor do mundo tenham experimentado a morte clínica e voltado à vida com a lembrança daquilo que “viram” e “escutaram” naquilo a que se chama correntemente de “além”?
- Você acha mesmo que, se a existência da alma fosse uma quimera, os maiores pensadores e filósofos que a humanidade conheceu a teriam admitido como uma evidência?

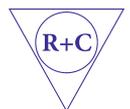
Acreditamos que todo ser humano possui uma alma. Do nosso ponto de vista, é ela que faz de cada um de nós um ser vivo e consciente, capaz de pensar e de sentir emoções. É nela também que reside aquilo que há de melhor na natureza humana. Se vivemos na Terra, é precisamente para



nos conscientizarmos de suas virtudes e as exprimirmos através de nossos julgamentos e de nossa conduta. Infelizmente, pouquíssimas pessoas, inclusive entre aqueles que creem, se dedicam a isso, o que explica por que a malevolência, a intolerância, o egoísmo, a inveja, o orgulho e o ódio são tão presentes nesse mundo, com tudo aquilo que deles resulta em termos de injustiça, conflitos, desigualdade e sofrimento. Nesse particular, é verdade que o mal só existe na ausência do bem e que ele se origina unicamente no comportamento humano. Ele não é portanto obra de Deus, ou tampouco do diabo, que aliás nunca existiu, assim como também não existem os demônios que pretensamente trabalhariam a serviço dele.

E o que dizer agora sobre Deus? Durante séculos, aqueles que creem viram Nele um Ser antropomórfico localizado nalguma parte dos céus e presidindo o destino de todos os seres humanos. Preocupados em agradá-Lo a fim de obter Seus favores, eles seguiram, e ainda seguem, os preceitos pregados pelas religiões, as quais se apoiam para tanto em seus livros sagrados. No entanto, pelas evidências, crer em Deus e se conformar a um credo que se diz inspirado por Ele não basta para ser feliz. Caso contrário, os bilhões de fiéis que vivem no mundo seriam felizes, excluindo os ateus. Ora, este não é o caso. Isso quer dizer que a felicidade a que todo ser humano aspira se situa além das crenças religiosas. Ela reside de fato na espiritualidade, no sentido que demos anteriormente a esse termo.

Antes de lhe darmos o nosso conceito de Deus, permita-nos dizer por que acreditamos que Ele existe e por que o ateísmo, ainda que respeitável por si, é um erro de julgamento. Seja você alguém que crê ou não, ninguém pode negar a existência do universo. Ora, do ponto de vista racional, ele é necessariamente o efeito de uma causa criadora. E uma vez que ele é regido por leis que assombram os próprios cientistas, isso quer dizer que essa causa é muito inteligente. Logo, por que não compará-la a Deus e ver Nele a Inteligência absoluta e impessoal que está na origem da Criação? Lembremos, caso seja necessário, que o universo se reduzia originalmente



a um centro de energia com a dimensão de um átomo, o qual continha potencialmente o conjunto das galáxias, das estrelas, dos planetas e dos astros que existem atualmente, dentre os quais a própria Terra.

A verdadeira questão que se pode e se deve formular a respeito de Deus não seria portanto saber se Ele existe ou não, mas saber em que medida Ele intervém na vida dos seres humanos. Em nosso entender, Ele o faz na medida do respeito que concedemos às leis através das quais Ele se manifesta no universo, na natureza e no próprio ser humano. Isto pressupõe estudá-las, que é aquilo a que os rosacruzes sempre se consagraram. Você notará que essa abordagem de Deus e do papel que Ele desempenha em nossa existência tem uma conotação antes científica do que religiosa. A AMORC, além disso, jamais se opôs à ciência; exatamente o contrário. É por isso que a Universidade Rose-Croix Internacional, que ela apadrinha desde o começo do século XX, comporta, entre outras, uma seção de ciências físicas.

Mais do que nunca, é chegado o tempo de se passar das crenças religiosas à espiritualidade, ou seja, de substituir definitivamente a crença exclusiva em Deus pelo conhecimento das leis divinas, no sentido de leis universais, naturais e espirituais. É nesse conhecimento e na sabedoria que dele resulta que se situa o bem-estar que todos procuramos, inclusive o bem-estar material. Um antigo adágio rosacruz enuncia que *“é da ignorância, e apenas da ignorância, que o homem deve se libertar”*. É ela de fato que está na origem daquilo que o ser humano pode fazer de pior contra si mesmo, contra outrem e contra seu meio. É nela também que residem as diversas superstições que degradam a humanidade e a impedem de se desabrochar plenamente. Dê então à sua vida uma orientação espiritualista. Em outras palavras, não seja apenas um ser vivo; seja uma alma vivente...

Talvez você esteja se perguntando o que achamos da laicidade. Enquanto as religiões clássicas ou modernas, ocidentais ou orientais, se



fundarem sobre dogmas e se estruturarem de acordo com sistemas autocráticos, acreditamos que a laicidade será uma necessidade absoluta, a fim de preservar a sociedade de todo desvio teocrático. Entretanto, esperamos que chegue o tempo em que a espiritualidade, enquanto busca de conhecimento e de sabedoria, fará parte dos costumes e condicionará a vida cidadã. Logo, a política será una com a filosofia e será portanto inspirada pelo *“amor pela sabedoria”*, como o foi no apogeu da civilização grega. Lembremo-nos que esta civilização foi o berço da democracia e que a ela devemos, entre outras coisas, a noção de república. Lembremo-nos também que a maioria dos filósofos que lhe deram vida era espiritualista.



CHAMADO AO HUMANISMO

Se não responder favoravelmente ao nosso chamado à espiritualidade, nós lhe convidamos a dar prova de humanismo no cotidiano. Na “*Declaração rosacruz dos deveres do Ser Humano*”, editada pela AMORC em setembro de 2005, está dito no artigo 10: “*Todo indivíduo tem o dever de considerar a humanidade inteira como sua família e de se comportar em toda circunstância e em todo lugar como um cidadão do mundo, fazendo assim do humanismo a base de seu comportamento e de sua filosofia*”. É evidente que se todos os seres humanos assumissem esse dever uns para com os outros, a palavra “*humanidade*” se revestiria plenamente de seu sentido, de modo que ela seria na Terra a expressão viva da fraternidade na sua aplicação mais nobre e mais universal. Logo, pode-se pensar que a paz reinaria entre todos os povos e todas as nações.

Mas o que quer dizer “*ser humanista*”? Em primeiro lugar, é considerar que todos os seres humanos são irmãos e irmãs de sangue e que as diferenças entre eles limitam-se às aparências. Contudo, não subscrevemos o dogma segundo o qual toda a humanidade teria sido originada de um único e mesmo casal original, no caso Adão e Eva, se fosse levar em conta o Antigo Testamento. Seja do ponto de vista ontológico ou do científico, tal afirmação não tem nenhum fundamento. De fato, tal descendência, sob efeito da consanguinidade, teria rapidamente engendrado degenerescências físicas e mentais. Em nosso entender, os seres humanos emergiram do reino animal, que foi ele próprio palco de uma longuíssima e lentíssima evolução da vida, tal qual ela se manifesta desde seu surgimento na Terra. De qualquer forma, partilhamos todos o mesmo genoma e o sangue que corre em nossas veias é fundamentalmente o mesmo. Mais do que uma fraternidade, nós formamos a humanidade como tal.



Como você sabe, alguns antropólogos citam três raças, ou mesmo quatro: branca, amarela, negra e vermelha. Há alguns anos, essa distinção foi abandonada pela maioria dos cientistas, que preferiu substituí-la pela noção global de Raça Humana. Agindo assim, talvez eles esperem desarmar os racistas de qualquer argumento do tipo “fisiológico”. Todavia, não é necessariamente ser racista admitir a existência de várias raças, sobretudo quando não se pode negar, por exemplo, que um europeu, um asiático e um africano correspondem a homínídeos que se distinguem bastante claramente no aspecto morfológico. O que é racista é pensar e dizer que haja uma raça superior às outras, notadamente aquela a qual se pertence. Um verdadeiro humanista considera que todos os seres humanos são células de um único e mesmo corpo: o corpo da humanidade.

Muitas pessoas tendem a preferir aqueles que pertencem à mesma “raça”, que têm a mesma nacionalidade, que partilham das mesmas ideias políticas ou que seguem a mesma religião, pois isso as conforta e lhes dá segurança. Entretanto, isso não é uma razão para rejeitar os outros ou, pior ainda, para odiá-los. Um humanista digno desse nome respeita todas as diferenças, na condição de que, naturalmente, elas não ameacem nem a dignidade e nem a integridade das partes. Em outras palavras, ele dá prova de tolerância e não se comporta como se fosse ou se sentisse superior. Este é um sinal de inteligência, pois a intolerância, em todas as suas formas, é geralmente o apanágio da estupidez ou (e) do orgulho. Infelizmente, essa fraqueza, ou mais exatamente esse defeito, é um dos mais correntes, de onde os muitos conflitos que opõem os seres humanos entre si.

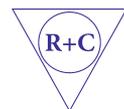
A propósito da tolerância, lembremos que a AMORC tem por divisa “*a mais ampla tolerância na mais irrestrita independência*”. É isso o que explica o fato de haver, entre os rosacruzes, cristãos, judeus, muçulmanos etc., assim como também pessoas que não seguem nenhuma religião. Alguns são até mesmo ateus, mas apreciam o caráter fraternal de nossa Ordem. Além disso, ela reúne desde sempre homens e mulheres de todas



as categorias sociais e de opiniões políticas diferentes, e até mesmo opostas. Se, para além de suas diferenças, os rosacruzistas são capazes de se respeitar mutuamente e de cultivar relações harmoniosas, por que a humanidade também não seria capaz disso?

Você certamente conhece o mandamento de Jesus: “*amai-vos uns aos outros!*”, que ele explicita ao dizer que não se deve fazer aos outros aquilo que não se gostaria que fizessem a si. Seja você ateu ou crente, e nesse último caso crente de qualquer religião, não pode negar que esse mandamento resume em si mesmo o ideal de comportamento que todo indivíduo deveria seguir em suas relações com outrem. E se por um lado é perfeitamente possível não ver em Jesus nem um mestre espiritual, nem um messias e nem o redentor venerado no Cristianismo, por outro deve-se reconhecer que ele foi um humanista excepcional e que revolucionou os modos de sua época pregando a solidariedade e a paz, a ponto de exortar o amor aos inimigos.

A sociedade atual tornou-se excessivamente individualista, de modo que o “*cada um por si*” tornou-se algo cultural. Sob o efeito combinado do materialismo e da crise econômica e social que o mundo vivencia há muitas décadas, cada vez mais pessoas tendem a se preocupar unicamente com seu próprio bem-estar pessoal e a permanecer indiferentes ao bem-estar de outrem. Tal atitude distancia os cidadãos uns dos outros e contribui para desumanizar a sociedade. A isso acrescenta-se o fato que os meios de comunicação tomaram o lugar das trocas diretas, de modo que já não se dedica verdadeiramente tempo para se conversar com aqueles que são próximos ou com os vizinhos, ao passo que é motivo de orgulho o fato de se ter muitos amigos (virtuais) nesta ou naquela rede social. Que paradoxo! Reaprendamos a dialogar no contato físico com os outros, de coração a coração, para não dizermos de alma para alma...



Pode-se ler no “Positio”: *“Constatamos que a defasagem não cessa de se ampliar entre os países mais ricos e os países mais pobres. Pode-se observar o mesmo fenômeno em cada país, entre os mais desprovidos e os mais favorecidos”*. A situação não parou de piorar desde então. Nenhum humanista pode se conformar a esta situação, sobretudo porque a pobreza e a miséria não são uma fatalidade, mas sim o resultado de uma má gestão dos recursos naturais e dos produtos da economia local, regional, nacional e mundial. Em outras palavras, elas se devem essencialmente ao egoísmo dos seres humanos e à sua falta de solidariedade. Todavia, tenham eles consciência disso ou não, sua sobrevivência depende mais do que nunca de sua aptidão para partilhar e cooperar, não apenas entre cidadãos de um mesmo país, mas também entre países. Em termos místicos, diremos que, sob efeito da globalização, seus respectivos carmas estão ligados de tal maneira que nenhuma nação poderá prosperar doravante a longo prazo se não se preocupar com aquelas que ainda estão em estado de necessidade.

Como acabamos de nos referir à globalização, acreditamos que ela é irreversível e que é portanto inútil opor-se a ela. Desde que o ser humano surgiu sobre a Terra, ele jamais deixou de ampliar seu campo de ação e de relações, estendendo-se inicialmente de um clã a outro, depois de uma aldeia a outra, de uma cidade a outra, de um país a outro e, finalmente, de um continente a outro. Com o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, o mundo se tornou um único país. Isto é uma evolução natural com a qual deveríamos nos alegrar, pois ela é um vetor de compreensão mútua e de paz entre os povos. No entanto, esse processo ainda está em seus primórdios e esbarra na diversidade das culturas, das mentalidades e dos sistemas econômicos e políticos, de modo que ainda está a exacerbar as desigualdades. Eis a razão pela qual pensamos que é preciso acelerá-lo e dar-lhe uma orientação humanista a fim de que ele beneficie o bem-estar de todos.



Chegamos agora a outro ponto diferente: o individualismo não é o único obstáculo ao humanismo, tal como os rosacruzistas o concebem e o esperam; há também a importância da qual se revestiram as máquinas desde a mecanização e a robotização da indústria. Ao passo que elas deveriam ter-se limitado a ajudar o homem em suas tarefas mais penosas e difíceis, elas acabaram por substituí-lo por razões de rentabilidade e de lucro. Essa mecanização excessiva da sociedade contribuiu não apenas para desumanizá-la como também para piorar essa enfermidade social que é o desemprego. É urgente, pois, recolocar o humano no lugar da máquina em todos os setores em que isso for possível e romper com esse dogma materialista que consiste em pensar e dizer que *“tempo é dinheiro”*.

Os seres humanos, porém, não são unicamente irmãos e irmãs de sangue, com todas as “raças” misturadas. São também almas-irmãs emanadas de uma mesma fonte espiritual, a saber, a Alma Universal. O que difere intrinsecamente entre eles é o seu nível de evolução interior, ou seja, o grau que eles atingiram na tomada de consciência de sua natureza divina. Acrescentamos que nós subscrevemos a ideia segundo a qual todo indivíduo se reencarna quantas vezes forem necessárias para realizar essa tomada de consciência e para atingir o estado de Sabedoria tal como podemos manifestá-lo na Terra. Se você admitir esse princípio, ou melhor, essa lei, compreenderá que as diferenças existentes entre os indivíduos quanto a sua maturidade, sua profundidade de espírito, seu sentido de responsabilidades e seu humanismo são devidas essencialmente ao fato que alguns viveram mais encarnações do que outros. Visto desse ângulo, nenhum ser humano é superior a outro; alguns são simplesmente mais evoluídos espiritualmente.

Se não crer em Deus, um humanista deve ao menos ter fé no homem e em sua capacidade de se transcender para exprimir o melhor de si mesmo. Certamente, ao examinarmos a história da humanidade e sua situação atual, podemos ter o sentimento de que os seres humanos são profundamente



individualistas e que se dedicam a se prejudicar mutuamente sob efeito de suas falibilidades e de seus defeitos. Entretanto, para além das aparências, eles evoluíram muito em consciência. Cada vez mais pessoas ao redor do mundo se insurgem contra as injustiças e as desigualdades, se manifestam contra as guerras e a favor da paz, denunciam as ditaduras e outros regimes totalitários, exortam a uma maior fraternidade, vêm em auxílio dos mais desfavorecidos, se engajam na preservação da natureza etc. Se isso ocorre é porque todo ser humano, sob impulso de sua alma, aspira, como disse Platão, àquilo que é bom, ao bem e à verdade. É preciso simplesmente que ele tome consciência disso e que aja em consequência.

No decurso da história, os seres humanos mostraram que são capazes de realizar coisas extraordinárias quando convocam aquilo que há de mais nobre e de mais engenhoso na natureza humana. Seja no âmbito da arquitetura, da tecnologia, da literatura, das ciências e das artes, ou ainda no das relações entre os cidadãos de um mesmo país ou de países diferentes, eles souberam dar prova de inteligência, de criatividade, de sensibilidade, de solidariedade e de fraternidade. Essa constatação por si mesma é reconfortante, pois confirma que o ser humano é inclinado a fazer o bem e a trabalhar para a felicidade de todos. É precisamente por essa razão que é preciso ser humanista e ter fé nele.



CHAMADO À ECOLOGIA

Em nosso entender, não é possível ser um humanista se não se for um ecologista. De fato, como é possível querer a felicidade de todos os seres humanos sem se preocupar com a preservação do planeta em que vivem? Ora, todos sabem que ele está em perigo e que a humanidade é imensamente responsável por isso: poluição de diversos tipos, destruição dos ecossistemas, desflorestamento excessivo, massacre de espécies animais etc. Quanto ao aquecimento climático, a grande maioria dos cientistas está de acordo em dizer que a atividade humana, se não o provocou, ao menos o acelerou intensamente, sobretudo por causa dos gases de efeito estufa. Além disso, muitos deles estabelecem uma ligação entre esse aquecimento e o aumento do número de tempestades e de cataclismos de todos os tipos, com tudo aquilo que resulta disso em termos de perdas humanas e de destruição material. De qualquer forma, é evidente que se nada for feito a curto prazo em escala mundial para se pôr fim aos males que infligimos ao nosso planeta, ele se tornará inviável para bilhões de pessoas, e talvez mesmo para toda a humanidade.

Nas civilizações antigas, a Terra era considerada a Mãe de todos os seres vivos e era objeto de um culto, o da Mãe-Terra. Em nossos dias, há pouquíssimos povos ancestrais, tais como os aborígenes da Austrália, os indígenas da Amazônia e os pigmeus da África, para citarmos apenas os mais conhecidos, que conservaram esse estado de espírito. Os outros seres humanos de hoje, por sua vez, passaram a considerá-la antes de tudo como uma fonte de lucros diversos, a ponto de explorá-la para além dos limites do razoável e em detrimento de sua saúde. Se falamos em “saúde” relacionada ao nosso planeta, isto se deve ao fato que para nós é evidente que ele é um ser vivo e mesmo consciente. Para se convencer disso basta refletir sobre as forças de vida que ele exhibe na natureza e sobre a inteligência que



ele exprime através de seus diferentes reinos, para não falarmos de tudo aquilo que compõe a sua beleza. Isso é tão verdade que até mesmo um ateu tende a divinizá-la e a considerá-la uma obra mestra da Criação.

De acordo com os cientistas, a Terra surgiu há cerca de quatro bilhões e meio de anos, a vida há cerca de quatro bilhões de anos e o homem há cerca de três milhões de anos. Porém, em menos de um século, nós a afetamos de tal forma que seu futuro, e o nosso, estão ameaçados a tal ponto que seu estado é agora objeto de reuniões de cúpula internacionais. Infelizmente, essas reuniões permanecem na teoria e se traduzem por decisões consensuais que estão longe de serem suficientes para reverter a situação. Preocupada em contribuir com o despertar das consciências em matéria de ecologia, a AMORC publicou em 2012 uma “*Exortação para uma Ecologia Espiritual*”, que foi lida no Senado do Brasil por ocasião da “*Cúpula da Terra*” realizada no Rio de Janeiro. Outros colóquios desse gênero ocorreram em diversos países, porém as decisões anunciadas permanecem sendo ridículas face à situação e ainda acabam por sempre esbarrar nos interesses socioeconômicos de uns e outros.

Os países desenvolvidos, dentre os quais os mais ricos do mundo, chegaram a esse estado porque em sua maioria privilegiaram a economia em detrimento da ecologia. É evidente que se as nações em vias de desenvolvimento seguirem o mesmo modelo econômico, fundado sobre a superprodução e o superconsumo, os problemas ambientais que enfrentamos vão crescer e se agravar em grandes proporções. Em nossos dias, esta é lamentavelmente a via que seguem essas nações emergentes, e não poderíamos condená-las, haja vista o exemplo que lhes foi dado. No estado atual das coisas, resta-nos esperar que elas rompam, apesar de tudo, com esse modelo e o substituam por um sistema que associe economia e ecologia. Esta seria uma lição bela e útil a toda a humanidade.



Os rosacruzistas não são inocentes sonhadores preocupados unicamente com o aspecto espiritual da existência. Certamente, somos místicos, no sentido etimológico do termo, ou seja, no sentido de homens e mulheres que se interessam pelo estudo dos mistérios da vida, mas sabemos que é aqui nesse plano que é preciso instaurar o paraíso que as religiões situam no além. Para tanto, os seres humanos devem aprender a gerir com sabedoria os recursos naturais e os produtos criados por eles, de onde a necessidade de agir de modo que a economia, em todos os níveis e aspectos, beneficie com equidade todos os povos e todos os seus cidadãos, com respeito à dignidade humana e à natureza.

O que poderia levar os seres humanos a desenvolver uma economia ecológica? O medo de serem vítimas do aquecimento climático e das catástrofes naturais que são atribuídas a eles? Aparentemente não, pois o comum dos mortais tende a pensar que isso só acontece com os outros. Enquanto não são atingidos pessoalmente e não sofrem com isso, se limitam geralmente a se compadecer das vítimas dessas calamidades, participam eventualmente desta ou daquela operação caritativa em favor dos afligidos e retomam o curso de sua vida esperando serem poupados desse tipo de catástrofe. Será necessário que muito mais pessoas sejam afetadas ainda, inclusive e talvez sobretudo nos países desenvolvidos e ricos, para que a humanidade se renda por fim às evidências? É fato que nossa Mãe, a Terra, está muito doente e arrisca se tornar inviável para um número muito grande de seres humanos.

Independentemente do número crescente de pessoas afligidas pelas catástrofes naturais que se multiplicam em todas as partes do mundo, é preciso observar também que, de acordo com alguns cientistas, a expectativa de vida, que não havia cessado de aumentar no decurso das últimas décadas na maior parte dos países, começa a diminuir. Paralelamente, o número de cânceres está em altíssimo crescimento. Por quê? Em grande parte porque o ar que respiramos, a água que bebemos e a comida que consumimos estão gravemente poluídos (nitratos, fosfatos, pesticidas, colorantes, conservantes), o que acarreta inevitavelmente



desordens orgânicas, celulares e mesmo genéticas. Se a isto acrescentarmos que o consumo de álcool, de tabaco e de outras drogas também cresce exponencialmente, não é espantoso constatar que a saúde do ser humano também esteja ameaçada a curto prazo.

Outro perigo, e não dos menores, ameaça a saúde de um grande número de indivíduos: a abundância de ondas eletromagnéticas emitidas pelos computadores, telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos. Ainda somos imprudentes quanto a essa poluição eletromagnética, mas não resta nenhuma dúvida quanto ao fato que ela origina várias doenças. Não se trata de colocar em xeque a utilidade desses aparelhos, mas tudo deve ser feito para que sua utilização não seja um vetor de diversas patologias, o que implica a responsabilidade daqueles que os fabricam e os vendem. Além disso, muitos utilizadores carecem de informação quanto ao uso que fazem dessas facilidades, no sentido de que abusam delas em detrimento de seu bem-estar. À guisa de exemplo, constatou-se que o número de tumores no cérebro aumentou consideravelmente desde a aparição do telefone celular, notadamente entre os jovens.

Porém, existe uma poluição mais metafísica a afetar a humanidade: os pensamentos negativos que os seres humanos geram sob efeito do ódio, da crueldade, do rancor, da intolerância, da cólera, da inveja etc. Em primeiro lugar, tais pensamentos agem negativamente sobre as pessoas que os mantêm ou que os emitem, ainda que elas não tenham consciência disso objetivamente. Com o tempo, eles acabam por lhes causar problemas físicos ou psicológicos que podem provocar graves doenças. Em segundo lugar, eles infestam o inconsciente coletivo e o impregnam de vibrações negativas que, por sua vez, alimentam situações de ódio, crueldade, rancor etc. Inversamente, todo pensamento positivo beneficia não apenas a pessoa que o originou como também a consciência coletiva da humanidade. Sabendo disso, os rosacruzistas se dedicam arduamente há séculos àquilo que eles designam pelo nome de *“alquimia espiritual”*.

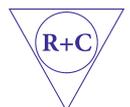
Quem fala em doença, fala em medicina! Se é preciso por um lado reconhecer que esta última, a exemplo da cirurgia, fez grandes progressos



e muito contribuiu para a melhoria da saúde, por outro ela não está isenta de falibilidades e mesmo de descaminhos. Como a maioria dos âmbitos de atividade humana, ela sofre a influência do dinheiro, a ponto de ficarmos tentados a dizer que a doença é o “fundo de comércio” dos grandes laboratórios farmacêuticos. Em nossos dias, demonstrou-se que um grande número de medicamentos são placebos e não têm outros efeitos senão aqueles que se lhes atribuem. Dentre aqueles cujas virtudes terapêuticas são verdadeiras, alguns trazem efeitos colaterais desastrosos. A mesma constatação se impõe a respeito de muitas vacinas, das quais sabemos que algumas estão sendo investigadas devido à suspeita de terem contribuído para a destruição das defesas imunológicas naturais do ser humano. Mais uma vez insistimos no fato que não rejeitamos a medicina e nem a cirurgia, mas dizer que tanto uma como a outra teriam por único objetivo cuidar e tratar seria pura hipocrisia.

Seja no domínio médico ou em outro, os seres humanos devem se manter o mais próximo possível da natureza. Ao se desgarrarem dela, rompem com as leis naturais e vão contra o seu próprio bem-estar. Contudo, por ignorância, orgulho e ganância, eles se empenham há muito tempo em querer dominá-la, ao passo que deveriam cooperar com ela. Cegados por sua vaidade, eles se esqueceram de que a inteligência de que ela dá provas é infinitamente maior do que a da humanidade e que seu poder não tem praticamente nenhum limite a não ser aqueles que ela própria impõe a si. Com certeza os *Homo Sapiens Sapiens*, nome que os cientistas deram à nossa espécie e que significa literalmente “homem que sabe que sabe”, ainda estão muito longe de saber o essencial: eles devem tudo à natureza e nada são sem ela.

Para nós, a Terra não é unicamente o planeta em que vivem os seres humanos. Ela serve também como palco de sua evolução espiritual e permite que cada um deles atinja a plenitude enquanto alma vivente. Ela tem portanto uma vocação ao mesmo tempo terrestre e celeste, o que os



mais sábios dentre os pensadores e filósofos, de todos os tempos e de todos os lugares, ensinaram. Enquanto a humanidade não tomar consciência dessa verdade e não agir em conformidade com ela, o materialismo e o individualismo que prevalecem atualmente se amplificarão com todas as consequências negativas que deles derivam em termos de consequências contra ela própria e contra a natureza. Mais do que nunca é urgente restaurar o Ternário que encontramos na base de todas as tradições esotéricas e que a própria civilização deveria adotar: Humanidade – Natureza – Divino. Enquanto ela não o fizer, se manterá no estado de sofrimento atual e não poderá alcançar o estado de harmonia a que foi prometida.

Como todos sabem, a Terra também é um meio no qual vive uma miríade de animais, alguns em estado selvagem e outros em estado doméstico. Ora, eles também possuem alma – individual, no caso dos mais evoluídos; coletiva, no caso dos que são menos evoluídos. De fato, todos os seres vivos têm em comum o fato de serem animados pela Alma Universal e a Consciência que lhes é própria. Todavia, cada um deles, conforme o lugar que ocupa na corrente da vida e o organismo de que dispõe, manifesta essa Alma e essa Consciência num grau mais ou menos elevado. Esta é razão pela qual eles não têm o mesmo nível de inteligência e de sensibilidade. De qualquer forma, não existe nem vazio e nem fronteira entre os reinos da natureza, pois eles são animados pela mesma Força Vital e participam de um mesmo processo, o da Evolução Cósmica, tal como ela se manifesta em nosso planeta. Certamente, o reino humano é o mais avançado nesse processo. Porém, isso não lhe dá nenhum direito sobre os outros reinos. Ao contrário, lhe dá deveres...



EM CONCLUSÃO

Eis portanto as ideias que gostaríamos de partilhar consigo através desse “*Appellatio*”. De fato, acreditamos que haja urgência em dar uma orientação espiritualista, humanista e ecológica aos nossos comportamentos individuais e coletivos. Não obstante, se houvesse uma prioridade a dar, esta seria a ecologia. Com efeito, se a humanidade chegasse a resolver permanentemente os problemas econômicos e sociais que se lhe apresentam ao mesmo tempo em que a Terra se torna inviável ou dificilmente habitável para a grande maioria de seus habitantes, que interesse e que prazer haveriam em se viver? A esse respeito, aqueles e aquelas que governam os países e as nações têm uma grande responsabilidade, no sentido de que têm o poder de tomar decisões e de agir de modo a aplicá-las. Entretanto, se os povos se desinteressam pela ecologia e nada fazem em seu próprio nível para preservar a natureza, é evidente que a situação não cessará de piorar e que as futuras gerações herdarão um planeta que não será mais do que a sombra daquilo que ele foi.

Em segundo lugar, e com o risco de lhe surpreender, é o humanismo, e não a espiritualidade, que deve ser privilegiado. Colocar o ser humano no coração da vida social, respeitando a natureza, só pode ser um vetor de bem-estar e de felicidade para todos, sem distinção. Isto pressupõe ver em cada pessoa uma extensão de si mesmo, além das diferenças e mesmo das divergências. Isso é uma tarefa difícil, pois cada qual tem um ego que tende a torná-lo individualista que o compromete a se preocupar antes de tudo consigo mesmo, com seus próximos e com as pessoas com as quais tem as mais diversas afinidades. Levada ao extremo, é essa atitude narcisista, e mesmo egoísta, que origina as discriminações, segregações, divisões, oposições, exclusões e outras formas de rejeição entre indivíduos. Opostamente, o humanismo é sinônimo de tolerância, de partilha, de



generosidade, de empatia e, numa única palavra, de fraternidade. Ele é fundado sobre a ideia de que todos os seres humanos são cidadãos do mundo.

A necessidade de ser ecologista é relativamente evidente quando se considera o estado do planeta. Da mesma forma, todo indivíduo suficientemente sensível e inteligente compreende por que é bom ser humanista, mesmo que ele próprio não o seja. Em contrapartida, não existe *a priori* nenhuma razão objetiva para que se seja espiritualista, sobretudo porque é impossível provar a existência da alma e de Deus, mesmo no sentido que os rosacruzistas lhe atribuem. Assim, mesmo que a espiritualidade nos pareça essencial para sermos felizes e darmos à vida toda a sua dimensão, compreendemos que se possa ser ateu. Porém, para nós é evidente que o universo, a Terra e a humanidade nada devem ao acaso e se inscrevem num Plano transcendental, para não dizer divino. É precisamente por essa razão que temos a faculdade de estudar a Criação e de nos interrogar sobre o sentido profundo da existência. Nesse particular, somos ao mesmo tempo atores e espectadores da Evolução Cósmica tal como ela se exprime no cosmos e em nosso planeta.

Talvez você seja ecologista e humanista, mas não espiritualista? A menos que seja profundamente materialista, isso quer dizer que, se não crê em Deus, ao menos tem fé na natureza e no homem, o que é ao mesmo tempo respeitável e louvável. Nesse particular, fazemos uma distinção entre um materialista e um ateu. Regra geral, o primeiro faz das possessões materiais o ideal de sua vida, geralmente em detrimento da natureza e sem se preocupar com os outros. O segundo, por sua vez, é na maioria das vezes um crente que se ignora ou que perdeu a fé, no sentido religioso do termo. De qualquer forma, pensamos que a espiritualidade (e não a religiosidade) é por si mesma um vetor de humanismo e de ecologia, pois, como explicamos anteriormente, ela se funda sobre o conhecimento das leis divinas, no sentido de leis naturais, universais e espirituais. Ora,



quem quer que busque esse conhecimento, mesmo que não o tenha ainda adquirido, é por natureza idealista.

Segundo os antropólogos, a humanidade “moderna” surgiu há cerca de duzentos mil anos. Na escala de uma vida humana, ela pode parecer velha. Contudo, tendo em vista seus ciclos de evolução, ela está em sua adolescência e mostra todas as características dessa fase: está em busca de identidade, procura um destino, dá provas de imprudência e até mesmo de inconsciência, se acha imortal, abandona-se aos excessos, desafia a razão e ridiculariza o bom senso. Essa etapa evolutiva, com seu quinhão de dificuldades, provações e fracassos – mas também de satisfações, conquistas e esperanças –, é uma passagem obrigatória que deve permitir que ela cresça, amadureça, se desabroche e, finalmente, se realize plenamente, ou seja, que atinja a plenitude nos planos material e espiritual. Para isso, entretanto, ela deve se tornar adulta.

Em conclusão, e levando em consideração tudo o que foi dito, desejamos mais do que nunca que a humanidade adote uma orientação espiritualista, humanista e ecologista a fim de que renasça para si mesma e dê lugar a uma “*nova humanidade*” regenerada em todos os planos. Os rosacruzistas do século XVII já faziam apelo a essa regeneração no “*Fama Fraternitatis*”. Rejeitado pelos conservadorismos religiosos, políticos e econômicos da época, aquele apelo precursor foi ouvido apenas pelos pensadores livres. Tendo em vista a situação atual do mundo, pareceu-nos útil e necessário renová-lo abertamente, esperando que ele encontre dessa vez um eco favorável junto à maioria...

Que assim seja!

Selado em 6 de janeiro de 2014
Ano Rosacruz 3367

